

RELIGIÃO E VIOLÊNCIA EM *A HORA E A VEZ* DE AUGUSTO MATRAGA

RELIGION AND VIOLENCE IN *A HORA E A VEZ* OF AUGUSTO MATRAGA

João Batista Pereira

RESUMO: Este artigo busca refletir sobre a configuração da violência no conto *A hora e a vez* de Augusto Matraga, de Guimarães Rosa. Ao creditar importância aos condicionantes históricos para entender a natureza brutal da sociedade sertaneja, destacamos em nossa análise como a religião edifica uma nova forma de opressão, operando contra os princípios éticos e morais que definem a subjetividade do protagonista. Concluímos que, ao abandonar as práticas cristãs e se voltar para a face secular do sertão, a formação pietista de Augusto Matraga foi insuficiente para redimir as atribulações de sua alma. Para aceitar o fardo que era viver em um espaço social profanado pela história e abandonado por Deus, a morte se insurge como um espelho que reflete os contornos mais luminosos de sua redenção.

PALAVRAS-CHAVE: Augusto Matraga. Bildungsroman. Guimarães Rosa.

ABSTRACT: This article intends to think about the way of violence in the short story *A hora e vez* de Augusto Matraga, by Guimarães Rosa. As we give importance to the historical conditioning in order to understand the brutish nature of the backlands society, we emphasize in our analysis how religion builds a new way of oppression, acting against the ethical and moral principles that define the protagonist's subjectivity. We have concluded that, as he gives up Christian practices and turns to the secular face of the backlands, Augusto Matraga's pietist background was not enough to redeem the afflictions of his soul. In order to accept the burden of living in a society which was desecrated by history and abandoned by God, death rebels like a mirror reflecting the most shining contours of his redemption.

KEY-WORDS: Augusto Matraga. Bildungsroman. Guimarães Rosa.

RELIGIÃO E VIOLÊNCIA EM A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA

INTRODUÇÃO

São muitos os caminhos que levam ao Altíssimo. Convencido de que a existência sob as bençãos de um universo social pecaminoso só se justifica ante a insondável sina de carregar o peso da vida, com os ritos de conversão religiosa o homem busca trilhar um caminho que o leve à graça divina. Enclausurar-se em si, isolando-se do mundo secularizado, renunciar às coisas terrenas e resignar-se em abnegada aceitação pietista são vias que podem levar a um renascimento no presente, edificando um alicerce para encontrar a salvação na eternidade. Na percepção de uma realidade laica da existência, na qual os pecados não derivam de delitos ou infrações morais, devotar-se aos desígnios religiosos é uma meta perseguida pelos que crêem na redenção, mesmo que esta venha a se consubstanciar apenas no final dos tempos.

Todavia, não estando ao alcance do homem o arbítrio sobre esse destino, predomina nessa leitura pia da vida a crença de que sua trajetória é conduzida tão somente por Deus. Repousa nesse credo cristão a acepção teológica contida na ideia do *Opus Dei*, termo com o qual a tradição da Igreja Católica designa, desde meados do século VI, o exercício da função sacerdotal de Jesus Cristo, na qual o culto público dos princípios sagrados do Cristianismo é praticado por seu corpo místico (AGAMBEN, 2013, p.7). A reprodução dessa prática religiosa que transcende a materialidade terrena em nome de uma ascese salvífica encontra eco nos artifícios que o homem requer para comportar-se como uma extensão de Deus na

terra, transfigurados em práticas ascéticas e contemplativas. Esse momento epifânico entre o abandono das demandas do corpo e a ascensão de uma devota reverência aos ditames divinos propicia que vislumbremos neste artigo a binômica existência de Nhô Augusto, protagonista do conto *A hora e a vez de Augusto Matraga*, de Guimarães Rosa.

A REESCRITURA DA VIDA DEVOTADA À SALVAÇÃO

Entre os componentes estruturais do gênero conto, a plasmação de um acontecimento surpreendente, impactando de forma decisiva no enredo e na ação, é usual como forma de exibir um fato inaudito, a partir do qual a tensão se volta para um desenlace. Esses relatos apresentam uma moldura discursiva recorrente, iniciados por um “desenvolvimento em tensão crescente até se alcançar um ponto culminante, a partir do qual há uma peripécia, momento da narrativa no qual se altera o curso dos acontecimentos de maneira inesperada, que leva a uma ação descendente e à conseqüente catástrofe” (HEISE, 2009, p.2). Esse momento capital ganha maior relevo quando, além das mudanças provocadas nos rumos do enredo, ele altera a vida do personagem, levando-o a reconhecer-se sob uma nova ordem. No relato rosiano o acontecimento deflagrador desse redirecionamento surge após a surra imposta pelos capangas de Major Consilva a Nhô Augusto, revelando uma dupla impossibilidade: suprimir a natureza indômita que lhe é intrínseca e a incapacidade de a religiosidade aplacar o componente violento que envolve sua existência.

Alvo de uma transformação que reordenará sua visão de mundo, o desapego do mundo profano, provocado à custa da violência praticada pelos capangas, tipifica uma das etapas a serem cumpridas por Nhô Augusto para inéditos princípios de vida. Para referenciar essa transição do personagem recuperamos o termo *Bildung*. No livro *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*, Wilma Maas reconstitui o percurso histórico do vocábulo, percebendo o seu uso e sentido antes da ascensão no romance de formação. A autora lembra que sua significação primária mantinha vínculos com o sagrado, apontando para um retorno às concepções místicas da Idade Média, quando *Bildung*, como *imaginatio*, mantinha conexão com as virtudes cardeais – prudência, justiça, fortaleza e temperança –, corroborando a capacidade de representação interior e auto-investigação do homem. Essa trajetória aponta para uma reorientação do termo por volta do século XVIII: do significado assumido como forma (*Gestalt*), valorando a interioridade e as instâncias espirituais, ele se molda à ideia de formação (*Gestaltung*), voltado à exterioridade e ao desenvolvimento de traços pessoais, como o comportamento e o intelecto. O poder das influências externas e do contexto social determinaram sua eficácia no âmbito da estética, aproximando-se do sentido literário difundido para *Bildung* na modernidade (MAAS, 2000, p.25-30).

Em fins do medievo o termo foi assimilado sob a perspectiva de “*transformatio*”, apontando para a reconquista de um paraíso perdido. Sendo o homem um ser culpado, ele se outorga a chance de reconfigurar-se aos olhos de Deus, sendo portador da Sua mensagem na terra. Nessa visão ele é absorvido como uma representação desfigurada Dele por ter cometido o pecado original; ao perder os laços com o divino, só poderá reconquistá-los transformando-se a si mesmo, prevendo uma futura reconciliação (QUINTALE NETO, 2005, p.186-188). Além dessas concepções de ordem místicas, pode-se referenciar *Bildung* em consonância com componentes políticos, valorizando o indivíduo e a individualidade propagada pelo Romantismo liberal na Inglaterra oitocentista. Ainda que essa vertente se distancie do referencial histórico do termo quando surgiu na Alemanha, ela engloba uma gama de ideias revolucionárias e emancipadoras, vinculadas ao desenvolvimento da subjetividade e à descoberta da identidade do homem (BERMAN, 2001, p.37).

Nota-se uma constante em cada uma das acepções referentes a Bildung: a ideia de formação, mimetizando a construção do caráter do homem. A genealogia dessa tradição remonta ao século XII, nos ritos exigidos dos cavaleiros nas narrativas do Círculo Arturiano. Influenciados por uma dimensão cristã e dentro da estética do amor cortês, eles empreendem uma luta para afirmar suas virtudes em aventuras, convertendo esse ritual em uma doutrina de aperfeiçoamento pessoal (AUERBACH, 2002, p.118). As autobiografias intelectuais, a exemplo d'As confissões, de Jean-Jacques Rousseau, reforçam esse matiz formativo ao adotar práticas de investigação interior, autocrítica e autoexposição para demonstrar a preocupação do indivíduo com a formação de sua própria história. Em outra direção seguem as obras que, ao longo do século XVII e XVIII, atribuíram à educação o caminho para a formação do homem. Condicionado a se inserir no mundo a partir de um aperfeiçoamento individual, surge o dilema entre assimilar o aprendizado a partir das tendências naturais ou o aperfeiçoamento intelectual, centrado no que exigia a civilização e a sociedade. Emílio, de Rousseau, é um paradigma da polarização mantida entre as forças da natureza antepostas aos valores adquiridos culturalmente. Por fim, outra linhagem a ser citada é o romance de aventuras: Robison Crusoe, de Daniel Defoe, demonstra como o caráter e a personalidade do indivíduo podem ser moldados na adversidade, reforçando sua maturidade e endossando a capacidade de adaptação a uma natureza selvagem (MAAS, 2000, p.64-78).

Há, portanto, modalidades de ritos formativos nas quais reverbera a perspectiva originária do Bildung. Como reminiscência das tessituras místico-teológicas contidas na origem da palavra, essas digressões permitem entender que o conto rosiano se afasta das narrativas que compõem os modelos mais usuais atribuídos ao termo. Coadunando-se com a natureza salvática impregnada no enredo, o relato emula um singular gênero de introspecção e investigação psicológica: a literatura de conversão religiosa. Ao descrever testemunhos de indivíduos renascidos, ela tem como mote rememorar a trajetória da vida pregressa do crente até o momento de entrega mística ao pietismo. O período de vida que antecede a conversão é apresentado como uma época de convicções errôneas e julgamentos falhos, alcançando injunções sociais e a própria vocação individual. Contribuindo para a descoberta de novos valores, essa renovação pietista prevê um isolamento da exterioridade, apreendendo-se nessa transfiguração do espírito a crença de que a vida é conduzida apenas por Deus, não estando ao alcance do homem ou do destino decidir sobre o desenvolvimento de suas virtudes (MAAS, 2000, p.74-75).

Conectada com valores disseminados na Alemanha luterana a partir do século XVIII, essa leitura pia de mundo antevê que as sendas percorridas pelos convertidos não são iluminadas apenas com o apelo espiritual interiorizado pelas leis da Providência. Ainda que elas portassem a Verdade definitiva, mantida sob o domínio exclusivo de Deus, há uma contraparte terrena a ser cumprida, afigurada na vontade e determinação exigida de um servo d'Ele na terra. O descolamento dessa visão de mundo para os sertões mineiros prenuncia como vã a tentativa de Nhô Augusto manter-se longe do ânimo violento que singularizava sua vida. Após longos invernos de práticas cristãs, a força do acaso delibera sobre o futuro pelas sendas do passado. Em um encontro com Tião de Thereza ele fica sabendo que Dionóra continuava amigada com seu Ovídio, a filha tinha caído na prostituição e que Quim Recadero havia morrido por causa dele. Relutando em aceitar a gravidade das notícias, Nhô Augusto alude à impossibilidade de pouco fazer ante àqueles fatos. E declara não ser mais o mesmo homem, não existindo mais Nhô Augusto Esteves, das Pindaíbas. Embotando com a firmeza das palavras fatos impossíveis de serem modificados, na renúncia ao nome e origem apaziguam-se máculas que corroem seu pensamento.

Abatido pela seriedade das notícias, o desassossego o invade e o sentido de uma vida resguardada pelas leis das Escrituras, é questionado, impedindo-de de praticar qualquer tipo de ação: “Desonrado, desmerecido, marcado a ferro feito rês, Mãe Quitéria, e assim tão mole,

tão sem homênia, será que eu posso mesmo entrar no céu?!” (ROSA, 1984, p.361). Duvidando do destino, e trazendo à baila inquirições sobre a palavra de Deus, esse átimo de introspecção encontra correspondência com indícios da reviravolta que se abaterá sobre sua vida. São eles: a) a relação entre sua renúncia ao nome e a retirada do casal de pretos do anonimato, mudando-se para o Tombador; e, b) a percepção de mudança interior de Nhô Augusto, endossada pela representação do espaço geográfico.

OS NOMES E A EXISTÊNCIA

É sabido que nomes são fios condutores que ligam o abstrato ao concreto, atestando tangibilidade a ideias e conceitos, corporificando identidades e tornando real o que se mostra difuso no pensamento. Outro é o sentido e as consequências de destituir-se das propriedades da palavra nomeadora, ação que confirma a negação das origens e perda da singularidade e posses concedidos pelo nome. Haja vista que o protagonista renuncia ao nome e ao topônimo que o tipifica no diálogo com Tião de Thereza, o que lhe resta como código intransferível para referir-se a si mesmo? Ponderamos que, ao abdicar do nome, uma obviedade se plasma nessa decisão de Nhô Augusto: o abandono dos laços familiares, motivo de pouco interesse nesta análise. A aceitação desse fato aponta para outro diapasão, repercutindo nos caminhos de ventura e desdita que serão trilhados por ele no futuro. A contradição implicada em sua declaração suscita uma reflexão, uma vez que, no início do conto, ele abraça a descendência paterna como fato definidor de sua identidade, assumindo sua genealogia com orgulho: “Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Esteves. Augusto Esteves, filho do Coronel Afonso Esteves, das Pindaibas e do Saco-de-Embira” (ROSA, 1984, p.341).

No intuito de perscrutar sendas para chegar ao céu, o designativo Matraga surge como o registro que espelha a ansiada mudança que atingirá o protagonista, presente em dois momentos emblemáticos do conto: no início e no fim. Matraga é a palavra que ligará os mundos de violência e fé no sertão, amalgamados no ato redentor que propiciará sua ascensão salvífica: a morte. Se nos reportarmos ao medieval, quando nomes e conceitos precediam a existência – cuja manifestação primeiramente se atrelava à essência que definia os seres, em correspondência com elaborações mentais pautadas na ideia concebida para eles –, agora pouco ou nenhum valor porta o nome Augusto Esteves, filho do Coronel Afonso Esteves, das Pindaibas e do Saco-de-Embira. Tal qual uma libertação, alforriando-se da memória e da tradição, consolida-se nesse rito de introspecção a resignificação da nova realidade vivida por Nhô Augusto: nesta, o ato de viver conjuga-se às especulações do pensamento; a razão, a força, a coragem e a fé, juntas, surgem superiores às intempéries da vida. Ele compreende que a morte, tantas vezes assimilada como solução para dirimir seus problemas e querelas com o mundo, só pode alcançar a ilusória corporeidade que um dia fenecerá. A lívida altivez que inunda sua alma impede que suas crenças sejam abaladas, propiciando a revisão dos princípios éticos e morais que perpassaram sua existência. A meta a ser alcançada é uma e indissolúvel: ser ungido para o reino celestial.

Com outra resultante interpretativa, mas ainda apontando para o poder emanado pelo ato nomeador, a retirada do casal de pretos do anonimato é credenciada por uma ação redentora. Morando na boca do brejo, sem família, filhos ou contato com o mundo exterior, nesse refúgio, Quitéria e Serapião cultivam o isolamento. Os poucos recursos materiais que possuíam encontram uma contraparte na caridade e generosidade que distribuem a Nhô Augusto, o filho que chega, como se caído do céu. Excluídos do regime senhorial sertanejo, eles subsistem alguns degraus abaixo dessa rígida engrenagem social, destoando da paisagem embrutecedora que molda as relações nos sertões das gerais. Ignorados por uma sociedade estratificada entre ricos e pobres, fortes e fracos, os seus nomes são revelados somente quando migram para o povoado do Tombador, revivendo o desejo do protagonista em retomar

antigos modos de vida. Indaga-se: como esse contexto elucida as conexões entre os elementos históricos e a não-existência imposta ao casal de pretos? Qual é a relação entre a permanência do anonimato do casal e a reviravolta patenteada nas ações de Nhô Augusto? O reconhecimento de suas existências, realizado pela publicização dos seus nomes, enseja quais consequências no desenrolar da narrativa?

João Batista da Costa, na tese *Mineiros e baianos: englobamento, exclusão e resistência*, situa historicamente a presença do casal de pretos no conto. O autor lembra que, até fins do século XIX, os negros aquilombados construíram os seus próprios caminhos, opondo-se ao domínio perpetrado pelos proprietários das terras. A aparição dos quilombos demonstra o alcance de um movimento que contornou Minas Gerais, amplificando a resistência dos fugidos às práticas escravocratas. Constituídos por várias etnias, a luta para manter os valores ancestrais se alastrou nas regiões de Jahyba e no Vale do Jequitinhonha, como “uma estratégia adotada pelos negros para fugir do sistema escravista, pretendendo, dessa forma, impedir o contato do mundo branco e escravista com o mundo negro centrado em liberdade” (COSTA, 2007, p.25). Cerceados da possibilidade de exprimir ações que servissem de acesso à liberdade, o recolhimento de Quitéria e Serapião no conto não remete mais a uma forma de se contrapor ao poder do mundo escravocrata. Abolido oficialmente em 1888, esse esforço de sobrevivência expõe uma forçosa acomodação do casal às condições impostas por modernas forças políticas, configuradas como libertárias, ainda que neguem aos negros a possibilidade de negociação de espaços para conquistar sua alteridade.

Se o contexto auxilia na compreensão do mundo habitado por Quitéria e Serapião, a mudança provocada na narrativa com a restituição de sua dignidade, quando foram nomeados pelo narrador, enseja registrar a transformação material que esse ato provocou em suas existências. Sem que seja obra do acaso, afinal “sorte nunca é de um só, é de dois, é de todos. Sorte nasce cada manhã, e já está velha ao meio-dia” (ROSA, 1984, p.347), eles protagonizaram uma ascensão, projetando-se em um novo locus, deixando o ermo lugar onde moravam. Fugindo da miséria que os acompanhava, e do recolhimento imposto no brejo, eles visualizam um novo patamar social no povoado do Tombador. Em atitude análoga à de Serapião, que subiu degraus de mato para salvar Nhô Augusto, hospedando-o em um casebre “que era um cofre de barro seco, sob um tufo de capim pobre, mal erguido e mal ajustado, no meio das árvores, como um ninho de maranhões” (ROSA, 1984, p.353), eles ascenderam à superfície da terra e vão conhecer uma face solar e iluminada do sertão.

O REGIME DE SEMELHANÇA ENTRE HOMEM E NATUREZA

A ascensão do casal teve a companhia de Nhô Augusto: como “samaritanos, que, no hábito de se desvelarem, agora não o podiam deixar nem por nada” (ROSA, 1984, p.357). Entretanto, a decisão de vivenciar os benefícios auferidos com seus benfeitores carrega consequências em sua reorientação espiritual. A mudança para novas paragens concorre para Nhô Augusto por em xeque os anos de submissão a Deus, a vigília ferrenha na defesa de Quitéria e Serapião, além das virtudes que o instava às práticas generosas. Revisitando as pulsões que orientavam as vontades do corpo, seus valores foram sendo revistos gradativamente, apaziguando o espírito e mobilizando forças para reentrar em um mundo há muito perdido. Se antes afugentava os horrores e maldades com rezas e trabalho em uma faina diuturna, fugindo da viola e da sanfona, sem fumar, beber ou olhar para as mulheres, o encontro com Tião de Thereza foi paradigmático, revelando outras formas de sentir o mundo.

A purgação das culpas que remoíam a alma foi tornando-se irreversível e, sintoma das mudanças que o atingirão, se era devoto afadigado do trabalho, agora sentia prazer em comer e dormir, sem tristeza para expiar. A cama convidava para o descanso, adiando a saída

para o trabalho, hábito cada vez mais recorrente. Sinal de que sua estória tomava intempestivos rumos, voltou a se permitir o prazer de fumar: “e tirou tragadas, soltou muitas fumaças, e sentiu o corpo se desmanchar, dando na fraqueza, mas com uma tremura gostosa, que vinha até ao mais de dentro, parecendo que a gente ia virar uma chuvinha fina” (ROSA, 1984, p.364). Ver-se renascido para as belezas do mundo profano propiciava nova relação com sua religiosidade: a aceitação do devir condicionado pelos desígnios de um Deus infalível e punitivo, limitador das volições da sua consciência e vontades, cessara. Rezava melhor, compreendia a malemolência que o invadia e revia seu projeto de libertação como um fardo leve, acalentando uma certeza: sua hora e vez de ir para o céu não tardariam a chegar.

O relevo dessas mudanças, que atendiam aos chamados do corpo e da alma, são basilares nesta análise por indicarem uma nova postura na vida de Nhô Augusto, movimento que concorre para sua urgência em prestar contas com o passado. Um indicador textual que adensa essa transformação surge na apreensão das estações da natureza, cujas circunvoluções demarcam a forma como ele passa a perceber o entorno e a si mesmo, abandonando uma existência contemplativa. Menos que fortuita, a presença do mundo natural no campo da estética tem sido objeto de estudo ao longo do tempo, comparecendo de variadas formas com o intuito de ilustrar circunstâncias, enfatizar estados da alma dos personagens, compor cenários e contextualizar mudanças no enredo das obras. Corroborando com o simbolismo entranhado na ideia que encontra nos ciclos da natureza indícios do patamar existencial a que se alçará o protagonista, recuperemos o conceito de locus amoenus, onipresente na literatura desde a Antiguidade.

Na obra *Literatura europeia e Idade Média latina*, de Ernst Curtius, encontra-se uma reflexão sobre o que caracteriza esse topoi. Opondo-se ao locus horrendus, que descreve paisagens sombrias e lúgubres, expressando o estado selvagem da natureza, o crítico alemão enumera os elementos formadores dessa “paisagem ideal”. O lugar aprazível da eterna primavera, cenário da vida bem-aventurada depois da morte; uma amável nesga da flora e da fauna, reunindo fontes, jardins, ares suaves, frutas e cantos de pássaros; a floresta com diferentes espécies de árvores; um tapete de flores e uma vegetação em constante renovação são componentes desse lugar utópico. Uma sombra para o descanso, uma fonte borbulhante ou o frescor de um regato; a maciez da relva ou o refúgio de uma gruta completam um quadro que remete à atemporalidade da ideia de fertilidade na terra. Cenário conducente ao amor, descanso e encantamento sensorial e espiritual, o poeta se integra a esse ambiente marcado pela harmonia e homogeneidade, credenciado por um espaço idealizado e acolhedor (CURTIUS, 1996, p.195, 245-246).

Esse lugar idílico, transformado ou manifestamente em transformação, compreendido à luz de um processo de renovação, convida a estabelecer correspondências entre os fatos deflagradores da mudança de Nhô Augusto e os caminhos a serem percorridos em sua volta ao mundo secular. Rememorando que o ato decisivo que o encaminhou para as sendas do Cristianismo foi a proximidade com a morte, após ser surrado pelos capangas de Major Consilva, pretende-se assegurar que sua recuperação física e espiritual encontra um paralelo com as modulações assumidas pelo mundo natural que o rodeava. A marca inicial desse registro narrativo surge quando, na fala de Serapião, fica sugerida uma relação entre a decomposição do seu corpo e o bezerro morto, denunciado por urubus que voavam orbitando o pretenso cadáver. Os elos entre o seu restabelecimento físico e as inquietantes ações da natureza prosseguem: amplificando a decrepitude que marcava sua convalescência, moscas compareciam diuturnamente, esvoaçando e pousando sobre as feridas; e, à tardinha, o desamparo chegava acompanhado por grunhidos de porcos, ruflos de galinhas e pelas cantigas miúdas dos bichinhos mateiros (ROSA, 1984, p.354).

As analogias entre o estado de saúde e a crueza das expressões da fauna em seu estado originário, com animais vocalizando sons instintivos aparentados aos traços

constitutivos do locus horrendus, ressaltam um momento da vida do protagonista ainda demarcado sob a égide da violência. Corroborando uma vivência do passado que endossava a brutalidade como um recurso de afirmação e, ao mesmo tempo, de desagregação do tecido social, o relato provisiona sua recuperação à luz de um mundo ordinário, matizado sob a monótona normalidade de um cotidiano desprovido de qualquer prenúncio de sublimidade. Convalescendo de um sofrimento que encontrou lenitivo na dedicação daqueles que margeavam a rés-do-chão da sociedade, a dinâmica irracional do comportamento animal acentua quão desequilibrado ele se mantinha naquela quadra da vida. A instabilidade emocional que o invade, correspondendo ao atavismo típico de um universo primitivo, é avessa à calma e contemplação inerentes ao conceito do locus amoenus, mais adequado para definir um estado de espírito em comunhão com a natureza.

A idealização da vida pastoril, vinculada à ideia do locus amoenus, passível de realização em um espaço edênico, como consta nas poesias amorosas e bucólicas greco-latinas, reconhece outras leituras que ultrapassam a conotação estritamente espacial. O escopo histórico em que se insere a origem do conceito antevê que nele pode ser contemplada uma representação não apenas do espaço, mas do que se realiza nesse espaço, sendo também admitido como um lugar sagrado, propício à revelação e ao vaticínio. Essa visada permite apreendê-lo para além de uma expressão idílica da natureza; ampliando sua função no texto, ele se credencia como um recurso estético para afirmar o equilíbrio e a estabilidade da consciência, propício para o homem redefinir princípios e ir de encontro à sua subjetividade, emancipando-se do que oprime ou limita sua alteridade.

Esse componente deflagrador de outras motivações vinculadas ao locus amoenus ecoa nas vivências de Nhô Augusto, quando as alterações da natureza preludiam o seu renascimento. Cremos que as marcas textuais alusivas à mutação do ambiente sertanejo, do locus horrendus ao locus amoenus, encontram um paralelo com a mudança do protagonista, migrando de uma postura espiritualizada para guiar-se pelas pulsões do corpo e ditames da consciência. Essa reorientação pessoal encontra o espaço com novos e aprazíveis contornos. Anunciando o inverno, afloram as gargalhadas do bando de maitacas que passavam tinindo guizos, estrejando de rir; surgem os periquitos de guinchos timpânicos, uma esquadrilha sobrevoando outra; e, os minúsculos tuins de cabeças amarelas que, em alarido, anunciam a chegada das chuvas. O alvoroço das forças naturais anima os joãos-de-barro a construir casas novas, permite às mariposas e cupins-de-asas cultivar a luz das lamparinas, endossando o coaxar monocórdico dos sapos nos brejos, além das pererecas que antecipam a festa dos lava-pés no terreiro, perseguindo minhocas e escorpiões (ROSA, 1984, p. 363, 373-374).

A resultante estética desse panorama aponta para duas instâncias: ao espaço, afigurado com as marcas intrínsecas do locus amoenus, vinculando-se à sublimidade do campo artístico; e, outra, se conecta com os desejos de mudança do protagonista. Ponderamos que a alteração das estações da natureza, bem como o comportamento da fauna, alegorizam a transformação que o atinge, prenunciando que o *modus vivendi* de Quitéria e Serapião não atende mais aos seus anseios. Nhô Augusto pode perceber quão transitório foi o legado da religião em sua vida: celebrando as tonalidades festivas assumidas pela natureza, o ânima que fomenta essa percepção em seu estado de espírito aponta para um reencontro com o passado. Porém, como será percebido no encontro com Joãozinho Bem-Bem, o ethos desagregador contido na violência que o envolve foi maculado pelas práticas cristãs do casal que concebeu sua ressurreição. Os requisitos exigidos para entender esse momento aludem a um novo paradigma, ainda que o seu alcance só venha a ser reconhecido no final da vida, quando o ódio, o rancor e a vingança perdem sentido diante da grandeza de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O arremate a esta análise, em cujo enredo a religião assoma nuançando os passos de Nhô Augusto, convida a aceitar que a atmosfera belicosa que envolve seu campo ficcional ultrapassa o espaço geográfico dos sertões mineiros. Ao divisar a narrativa como um ciclo de ação, salvação e redenção, advoga-se a hipótese de que o pathos brutal que enlaça a sociedade sertaneja se originou na formação do Brasil. Guiado por essa dinâmica social matizamos os contornos éticos e morais do protagonista submetido a princípios ditados por instâncias coletivas, chave para entender os seus desatinos e atos impensados. Uma vez que o relato denuncia feições de um mundo com instituições destituídas de legalidade, endossando as formas de o homem pensar e agir, foi na segunda etapa desse ciclo, o da salvação, que buscamos entender como a violência perdura na saga do herói roseano.

Em nossa leitura sua vivência cristã se conectou à *Bildung* pietista, que ressignificou suas noções de pecado, virtude e devoção à vida. Prostado aos olhos de Deus e aos pés de Quitéria e Serapião, ele cultivou a caridade e o amor até ser convocado por reminiscências que o impediram de transpor as pontes que separam o mundo secular do sagrado. Confrontado com uma nova modalidade de violência, quando a conversão cristã se impôs a uma índole cultivada sob as hostes da brutalidade, sua tentativa de mudança se transformou em uma longa penitência, expondo os limites da religião para aplacar os traços violentos que singularizavam sua identidade. Ainda que práticas pias tenham alçado sua vida para um novo patamar, aceitando o Outro como um reflexo do seu Eu, a odisseia cumprida em seu processo formativo encontrou uma oposição na morada do seu ser. Tateando e se reconhecendo na vastidão do sertão, Nhô Augusto curvou-se à sua incapacidade de saltar o incomensurável abismo que seria deixar-se enovelar pelas sendas que levam a Deus.

Ao findar essas reflexões poderíamos voltar à Grécia, onde mortais eram manietados pelas Moiras, ditando o cumprimento dos seus destinos. Naquele contexto Nhô Augusto estaria à mercê das ações de Cloto, que girava a roca alimentada por Láquesis, fiando cada passo de sua existência. O encontro com a morte, definido por Átropos, comporia uma sinfonia inacabada na qual razões históricas estariam alheias ao devir dos homens. Distinto dessa leitura fatalista, o *zeitgeist* do sertão rosiano aponta para a força de uma violência entranhada na gênese dos estamentos sociais que o enforma, estabelecendo um diálogo com a essência libertária que motiva o sertanejo a viver. A permanência dessa violência na vida do protagonista, sublimada no ideal do estoicismo cristão que o envolveu, clarifica as limitações do indivíduo para se afirmar em uma região do Brasil ainda à deriva, abandonada por homens e deuses.

REREFÊNCIAS

AGAMBEN, G. *Opus dei: a arqueologia do ofício: Homo sacer II*. São Paulo: Boitempo, 2013.

AUERBACH, E. *Mimesis*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BENJAMIN, W. *Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2009.

BERMAN, M. *Aventuras do marxismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

COSTA, J. B. A.. Mineiros e baianos: englobamento, exclusão e resistência. 2003. Tese (Doutorado em Antropologia) - Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2003.

CURTIUS, E. Literatura européia e Idade Média latina. São Paulo: Hucitec: EDUSP, 1996.
HEISE, E. A inter-relação da literatura com a música: Thomas Mann. 2009. Disponível em: <http://www.epocadegoethe.com.br/thomas_mann_elo.pdf>. Acesso em 02 set. 2014.

MAAS, W. P. M. D. O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

QUINTALE NETO, F. Para uma interpretação do conceito de Bildungsroman. In.: *Pandaemonium germanicum*, v. 9, p. 155-181, 2005.

ROSA, J. G. Sagarana. 31ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Recebido em: 09 de fevereiro de 2016.

Aceito em: 06 de julho de 2016.